Revista Espaço Acadêmico - Nº 106 - Março de 2010
ANO IX - ISSN 1519-6186

Notas de leitura – *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago*

Antonio Ozaí da Silva**

E se de repente cegássemos?! "Estou cego", afirma desesperadamente o motorista paralisado em frente ao semáforo (SARAMAGO, 1995, p.12). Mas o que ele "vê", se assim se pode afirmar, não é a treva, mas uma *brancura* infinita. "Sim, entrou-me um mar de leite", diz o cego (p.14). É uma cegueira incompreensível, repentina e sem explicações racionais e científicas. Os que vêem não podem acreditar que o cego assim se encontra; mesmo o médico, especialista nas coisas da visão humana, não encontra qualquer anormalidade causadora da doença. "Os olhos do homem parece sãos, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana" (p.12).

E, na verdade, não se trata de algo explicável pela medicina. A *cegueira branca* é uma alegoria sobre a ausência de visão social e política diante da realidade que nos circunda. Ela bem que poderia ser denominada, à moda "antiga", como *alienação*. Os indivíduos *alienados* encontram-se apartados do mundo, imersos numa ideologia individualista e consumista. Eles vivem fora da realidade, ainda que tenham olhos não a reparam. Tudo lhes parece natural.

Se a satisfação hedonista alimenta a "cegueira", é o medo da perda e da impossibilidade de saciar-se e manter-se em "segurança" que os tornam cegos. Diante da insegurança e das incertezas, cegam-se. Talvez já nos encontremos no estado de cegueira, ainda que nossos olhos vejam:

> "O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos" (p.131).

Se o medo caminha de par com a insegurança, ele também é irmão da necessidade. Os homens e mulheres estão dispostos a ceder em tudo devido ao medo, mas também porque precisam de segurança.[1] O domínio que se dá pela força não se explica apenas pela capacidade de coerção, mas também pela inculcação do medo. E é sob o medo e a necessidade que os cegos internados se submetem ao grupo que passa a controlar a comida. Este grupo atua como espécie de governo que, a despeito do seu caráter violento, impõe a ordem.

Os homens e mulheres parecem incapazes, por seu egoísmo e instinto de sobrevivência, de governarem-se. Eles precisam passar pelo aprendizado da solidariedade e autonomia. Mas a

[1] Como expõe Thomas Hobbes na obra clássica, *Leviatã*.

situação miserável em que se encontram, sob todos os aspectos, dificulta o autogoverno e parece-lhes mais fácil, e mais prudente, submeter-se.

Podemos imaginar que isto ocorre, no que diz respeito à ficção, devido ao estado deplorável dos cegos, mas é importante observar que mesmo em situações próprias da normalidade democrática, o medo é utilizado como instrumento de persuasão.[2]

Os que conseguem manter a racionalidade, e uma certa medida de civilidade, também se mostram apegados ao governo hierárquico, buscam uma autoridade que possa ordenar o caótico em que vivem. Assim, não deixa de ser irônico que os cegos tenham no *médico de olhos* a possível autoridade – aliás, uma das principais qualidades de Saramago é a ironia, que beira o sarcasmo. A autoridade vincula-se ao prestígio alcançado na sociedade; e este é definido, na ideologia meritocrática, pela titulação do individuo:

> "O melhor seria que o senhor doutor ficasse de responsável, sempre é médico, Um médico para que serve, sem olhos nem remédio. A mulher do médico sorriu, Acho que deves aceitar, se os mais estiverem de acordo, claro está" (p.53).

Esta mulher é a única que enxerga, e isto a fará sofrer com maior intensidade. Só ela *verá* a que ponto chegamos quando nos faltam as condições para a segurança, âncora para a civilidade. É como se, diante dela, estivéssemos nus, em todos os sentidos e a ela se tornasse possível ver a nossa essência, o que realmente somos. No mito da caverna de Platão[3], os que vêem não podem ser compreendidos nem aceitos pelos que não vêem. A mulher é a que sofre porque tem a sabedoria; como nos personagens de Dostoievski, o conhecimento gera o sofrimento. Os que sabem estão condenados a sofrer.

Mas será possível a autoridade numa situação de desespero, quando a existência humana está em xeque e a espécie é reduzida à luta pela sobrevivência? Não seria o reino da necessidade, o salve-se quem puder, a *guerra de todos contra todos*, *o homem lobo do homem*?

> "A minha intenção era boa, mas realmente o senhor doutor tem razão, cada um vai puxar para o seu lado" (Id.).

No início, são apenas seis internados; serão dezenas em alguns dias. E então ficará comprovado que não se entenderão: entregarão as mulheres à violência animalesca dos que controlam a comida; estarão dispostos a tudo para apenas se manterem vivos. Elas próprias se disporão a fazer o sacrifício e se afirmarão perante o moralismo inútil dos homens. Teria razão, então, os que defendem a ideologia do individualismo exacerbado, do *eu* disposto a matar o outro concebido com *o* inimigo? É possível vislumbrar a esperança de que os homens e mulheres cooperem, se solidarizem e, inclusive, sejam capazes de combater o medo e resistir à opressão?

Mesmo quando são isolados, os cegos parecem preferir a prisão do que a liberdade – desde que tenham a "segurança" de que poderão continuar a viver:

> "Bem vistas as coisas, nem se está mal de todo. Desde que a comida não venha a faltar, sem ela é que

[2] Ver, por exemplo, a reação da sociedade norte-americana no pós-11 de setembro (bem observado no documentário de Michel Moore, *Fahrenheit*).

[3] Ver o Livro VII de *A República*, p.153-157.

> não se pode viver, é como estar num hotel. Ao contrário, que calvário seria o de um cego lá fora, na cidade, sim, que calvário" (p.109).

Nesta altura, ainda havia a perspectiva de que a cegueira não se generalizaria, ou seja, ainda persistia a ilusão de que alguém, o governo, cuidava deles. E se também os governantes e todos os que sustentam o aparato administrativo burocrático cegarem, quem lhes socorreria? Metaforicamente, temos aqui a expressão da dependência dos governados, sem que lhes passe pela cabeça de que, sim, eles podem governar-se. E terão que o fazer quando a situação o exigir?

Mas primeiro terão que enfrentar o medo. Não é mero acaso que a única que vê, a mulher do médico, será a primeira a mostrar o caminho. A força se enfrenta com a força, só esta é capaz de derrubar o despotismo. Os que dominam pelo medo precisam experimentar do próprio veneno, isto é, é preciso que não se sintam tão seguros de que seus meios permanecem eficazes para manter o domínio; é necessário que também tenham dúvidas, insegurança, medo. A violência não se aplaca com belas palavras e com a moral da paz dos cemitérios, dos conformistas. A mulher do médico matou o cego ditador com a sua tesoura, ela sabia que era necessário e que alguém precisava fazê-lo:

> "E agora, Agora estamos livres, eles sabem o que os espera se quiserem outra vez servir-se de nós, Vai haver luta, guerra. Os cegos estão sempre em pé de guerra, Tornarás a matar, Se tiver de ser, dessa cegueira já não me livrarei. E a comida, Viremos nós a busca-la, duvido que eles se atrevam a vir até aqui, pelo menos nestes próximos dias terão medo de que lhes suceda o mesmo, que uma tesoura lhes atravesse o pescoço. Não soubemos resistir como deveríamos quando eles apareceram com as primeiras exigências, Pois não, tivemos nós medo, e o medo nem sempre é bom conselheiro..." (p.189-190).

Cumpre observar o discurso da autoridade governamental para justificar o enclausuramento dos cegos:

> "O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidémico de cegueira, provisoriamente designado por mal-branco, e desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio, supondo que de contágio se trata, supondo que não estamos perante uma série de coincidências por enquanto inexplicáveis. A decisão de reunir num mesmo local as pessoas afetadas, e, em local próximo, mas separado, as que com ela tiveram algum tipo de contacto, não foi tomada sem séria ponderação. O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando também que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações, um ato de solidariedade para com o resto da comunidade nacional" (p.194).

A mensagem do governo é repetida cotidianamente, como um ritual, pelo alto-falante. Os cegos encontram-se presos e logo perceberão que foram abandonados à própria sorte. As promessas feitas, junto com as instruções, se revelaram falsas. A

comida se torna escassa e, por fim, não é mais entregue. Há mesmo, entre as autoridades e os encarregados do controle, quem considere a perspectiva de que os cegos matem-se uns aos outros. Não seria esta uma *cura eficaz*?!

Suposições e pedidos de obediência consentida, em nome da segurança geral e da nação! Mudam as circunstâncias, mas o discurso se repete.[4] E os governados, cidadãos, consentem. Eles precisam crer que há alguém que cuida deles, que existe uma "autoridade" capaz de impor a ordem ao caos. É a servidão voluntária!

Em meio ao desespero a mulher do médico representa a esperança. Ela conclui que não há mais motivo de esconder que não é cega,

> "que não tinha qualquer sentido, se o havia tido alguma vez, continuar com o fingimento de ser cega, está visto que aqui já ninguém se pode salvar, a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança" (p. 204).

Há nestas palavras a mensagem de que é preciso resistir; ver também tem o sentido de acreditar que a realidade pode ser transformada. Os que *vêem* têm a responsabilidade de contribuir para, no mínimo, acalentar os que não vêem e tentar lhes mostrar o caminho, lhes *abrir os olhos*. "A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam" (p.241) pode ser motivo de maior sofrimento, mas também expressa a possibilidade de que o sofrer possa cessar.

Por outro lado, o fato de *ver*, de perceber a condição humana, de compreender o grau de miserabilidade humana a que chegamos quando cegamos, também nos torna capazes de reconhecer as fraquezas humanas e a sermos mais modestos. Os próprios cegos, ao vivenciarem as agruras decorrentes da cegueira, isto é, de terem que se virar, até em relação à higiene pessoal, passam a conceber o ser humano demasiado humano, como diria Nietzsche:

> "Agora todos as sentiam, e acima de todos o pobre do rapaz que já não podia segurar-se, de facto, por muito que nos custe reconhecê-lo, estas realidades sujas da vida também têm de ser consideradas em qualquer relato, com a tripa em sossego qualquer um tem ideais, discurtir se existe uma relação directa entre os olhos e os sentimentos, ou se o sentido de responsabilidade é a conseqüência natural de uma boa visão, mas quando a aflição aperta, quando o corpo se nos demanda de dor e angústia, então é que se vê o animalzinho que somos" (p.242-243).

É curioso como algumas mentes elitistas esquecem destas *fraquezas* animais, de como nosso organismo biológico não nos torna diferentes das espécies que se alimentam e defecam.

A mulher do médico representa a luz dos que não vêem. Esta frase poderia indicar um certo sonho vanguardista que alimenta o pesadelo de que precisamos de uma "autoridade" que nos ordene e a quem devamos obedecer, mas que cuidará da nossa segurança. Os cegos libertam-se do manicômio, após o incêndio deste, e precisam aprender, como os demais na cidade cuja população é cega, a sobreviver.

O grupo que está com a mulher que vê se mantém unido, sabe que isto amplia as chances de sobrevivência. Mas será ainda preciso que alguém mande? E se assim for, quem será o chefe. Ora, pelas circunstâncias já está claro que o mérito

[4] Ver o discurso das autoridades em *Ensaio sobre a lucidez*, de José Saramago.

acadêmico não é o melhor critério; afinal, o *médico de olhos* se encontra na mesma situação dos demais cegos. A sua mulher é quem ancora o grupo, mas sua liderança não tem caráter impositivo:

> "Tu não estás cega, disse a rapariga dos óculos escuros, por isso tens sido a que manda e organiza, Não mando, organizo o que posso, sou, unicamente, os olhos que vocês deixaram de ter, Uma espécie de chefe natural, um rei com olhos numa terra de cegos, disse o velho da venda preta. Se assim é, então deixem-se guiar pelos meus olhos enquanto eles durarem", disse ela (p.245).

São olhos que servem, muito diferente dos que mandam ou que acreditam que, por *ter olhos*, são *iluminados*, devem ter seguidores e serem obedecidos. Estes pressupõem que a luz sempre estará apenas com eles e que, ainda que alcance os demais, será mais intensa neles.

Como compreende a mulher do médico, o *ver* não a torna essencialmente melhor do que os demais, apenas amplia a sua responsabilidade e o seu sofrer diante do horror que vê, e os outros não. "É que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o", disse ela (p. 262).

A visão e o sentimento do horror pode nos fazer ver quem somos. Como fala a rapariga dos óculos escuros: "Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos" (Id.). A leitura de um livro como este nos faz compreender melhor o que somos e o *animal* presente em nossas entranhas, que se esconde em nossos devaneios, egoísmos e vaidades. "É uma grande verdade a que diz que o pior cego foi aquele que não quis ver" (p.283). E é ainda mais verdadeiro se tomarmos a cegueira no sentido do livro, não apenas do ponto de vista físico, mas como alegoria de uma realidade que, infelizmente, vivemos atualmente; realidade esta que poucos vêem e muitos ao vê-la, fecham os olhos e bloqueiam a consciência que confirma o *ver*. Como podemos vislumbrar pelas palavras finais de Saramago: "Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos. Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem" (p.310) E quando verem, terão atingido a lucidez. A cegueira, então, mostrará a sua verdadeira face.

Referências

HOBBES, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, s.d. (Os Pensadores)

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PLATÃO. *Diálogos III: A República*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

[*] Uma versão deste texto foi publicada em Literatura Política e Sociedade, disponível em http://literaturapolitica.wordpress.com/2007/08/13/ensaio-sobre-a-cegueira-de-jose-saramago/

[**] Antonio OZAÍ DA SILVA é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá. Email: aosilva@uem.br Blog: http://antoniozai.wordpress.com